

Reflexão

Envelhecimento e Pós- Modernidade: a importância do cuidado



Por Maria Augusta Lós Reis

*Colocar cuidado em tudo que projeta e faz,
eis a característica singular do ser humano.*
Leonardo Boff

O trabalho com a memória de velhos em Universidades Abertas da Terceira Idade - UNATIs - e em uma instituição asilar, aliado à vivência do nosso próprio processo de amadurecimento, gerou questionamentos e busca de respostas, levando-nos a tecer aqui algumas considerações parciais, pois a vida continua sendo um lento e fecundo aprendizado.

O envelhecimento é um processo “natural e inerente à condição biológica de todo ser vivo, regido pelo ciclo vital em seu processo normal, que vai do nascimento à morte” (Mercadante e Brandão, 2009, p.6). Processo que se dá em contexto social mundial de mudanças: passamos a viver muito mais, atingimos a longevidade. O período de vida considerado como velhice ampliou-se, trazendo uma série de novas questões, entre as quais a do papel do velho nessa sociedade que se tornou muito mais tecnológica e individualista. Como viver nela e ter qualidade de vida? Como garantir direitos? Qual a importância da educação continuada? E, sobretudo: Como cuidar de nossos velhos?

Podemos afirmar que viver na pós-modernidade trouxe novos desafios para todos os seres humanos, que para os velhos assumiram uma dimensão especial.

O que significa envelhecer? Para a sociedade do descarte, na qual vivemos, o envelhecimento associa-se à ideia de perda. Mas devemos lembrar que envelhecer é “[...] um processo que se inscreve na temporalidade do indivíduo, do começo ao fim da vida. É feito de uma sucessão de perdas e aquisições, à maneira dos movimentos vitais evocados por Hering, e depois por Freud” (Messy, 1999, p.18).

Quando Messy aponta essas aquisições, refere-se à constituição do ego a partir do depósito de camadas de imagens investidas de outros seres humanos por quem nutrimos afetos de natureza diversa. Nesse processo de constituição de nossa identidade sabemos o quanto as experiências e pessoas que passam pela nossa existência deixam suas marcas. Mas esse autor também aponta para o desaparecimento de objetos investidos por nós, como ocorre na morte, em um acidente, na aposentadoria, ou no fim de um relacionamento, entre outros.

É assim durante toda nossa vida. Devemos enfrentar numerosas perdas que privam a imagem de seu objeto, mas lançam-no em busca de um outro. Uma perda não é sempre um término, muitas vezes engendra uma aquisição. (Messy, 1999, p.21).

Lembramos que superar perdas e descobrir novas possibilidades na vida não é simples, sobretudo na idade avançada, mas devemos considerar que um dos aspectos fundamentais para essa fase da vida é a autonomia para determinar e realizar o que se deseja.

Para Messy (1999, p. 30), nesse processo de envelhecimento pode ocorrer “uma ruptura brutal do equilíbrio entre perdas e aquisições”, que vem carregada de imagens negativas que persistem simbolicamente. Nesse momento o ser humano se depara com o desamparo e a finitude, como também com o imaginário que cerca esses aspectos da vida.

Edgar Morin (2014), ao escrever sobre o homem imaginário, relacionado ao cinema, discutiu a relação entre duplo e imagem que, para ele, podem ser considerados polos de uma mesma realidade. Afirma que o duplo “talvez seja o único grande mito universal [...] é visto no reflexo e na sombra; percebido e imaginado no vento e na natureza; visto ainda nos sonhos” (Morin, 2014, p.43).

Nesse duplo, que pode ser uma imagem fundamental de nós mesmos, projetamos nossos desejos e temores, bondade e maldade e, talvez, nossa maior ambição: a imortalidade. Esse duplo se projeta não apenas em imagens mentais, mas também em formas materiais, como a da arte pré-histórica.

A imagem mental e a imagem material melhoram ou pioram potencialmente a realidade que elas mostram; irradiam a fatalidade ou a esperança, o nada ou a

transcendência, a imortalidade ou a morte. (Morin, 2014, p.48)

É interessante notar como essas ideias nos levam a refletir sobre o envelhecimento. Se considerarmos que velho é o outro, como aponta Messy (1999), o que realmente desejamos afastar de nós é o espectro da morte, na medida em que ele não se adequa à imagem que fazemos de nós mesmos. Parece que no nosso interior devem sobreviver e serem preservadas as antigas e boas memórias. Ou talvez não. Mas, sem dúvida, lidar com a realidade atual e as limitações que ela traz, assim como buscar explicações no passado, talvez seja pesado obstáculo para quem chegou à velhice.



Morin (2014, p.17) nos informa que “a realidade antropossocial é feita de transmutações, circulações, misturas entre o real e o imaginário”, e podemos indagar: quais são as imagens predominantes sobre os velhos e o envelhecimento nessa sociedade pós-moderna que valoriza e se apoia na inovação? Elas correspondem à realidade?

Devemos lembrar que nascemos e envelhecemos num determinado contexto social. Os ritos e a preparação, seja para a vida ou para a morte, têm relação íntima com os valores culturais. E, mais do que isso, é a interação que desenvolvemos nos grupos e instituições, dos quais participamos, uma das grandes responsáveis pela organização de nossa identidade e do suporte de que dispomos nas crises a que estamos suscetíveis.

Na busca de explicação para o novo contexto em que vivemos, valemo-nos das ideias de Zygmunt Bauman (2014), sociólogo polonês radicado na Inglaterra, que discute as características da sociedade contemporânea, a modernidade líquida e seus efeitos sobre os indivíduos. Para ele, vivemos tempos de transição, não menos profunda do que a que ocorreu com o nascimento da sociedade moderna.

Nessa nova sociedade, criada pelo capitalismo globalizado e voltada para o consumo, somos bombardeados continuamente por informações superficiais, e, sem que percebamos, acabamos aceitando o efêmero, o fragmentário, e o caráter imediato dos eventos.

Os efeitos dessa realidade atingem a psicologia humana, ocasionando uma ruptura da ordem temporal: perde-se profundidade e a possibilidade de manter valores e crenças. Até mesmo nosso sentido de continuidade e nossa memória histórica são atingidos.

E o que dizer a respeito de nossos velhos? Como adaptar-se à rapidez das mudanças estimuladas pela tecnologia e ter garantias numa sociedade “onde os alicerces da solidariedade social e de responsabilidade comunal foram sabotados e a ideia de justiça social comprometida?” (Bauman, 2014, p.78).

Em sua análise, Bauman e Donskis (2014, p. 79) se valem do conceito de *preariado*, criado pelo economista Guy Standing, que substituiu os conceitos de “proletariado” e “classe média”, na medida em que esses passaram a formar um novo tipo de agregado, unido pela “desintegração, pulverização e atomização extremas”. Todos os precários, ou seja, os que fazem parte desses dois segmentos da sociedade são atingidos por uma enorme incerteza social: premidos por um grande volume de contas, fragilidade de empregos disponíveis, salários insuficientes, espectro de degradação social e econômica, e nebulosidade a respeito da maior expectativa de vida. Só existe uma palavra para definir essa situação: insegurança.

Recentemente, em entrevista a Vitor Hugo Brandalise publicada no Estado de S.Paulo de 26/01/2016¹, o sociólogo Richard Sennett, analisando as mudanças que ocorreram nos EUA, chegou a conclusões que corroboram as ideias de Bauman. Segundo Sennett, enquanto a classe média norte-americana vive um processo de estagnação e sua tendência é decair, os que se situam mais abaixo na escala social apresentam uma situação melhor do que em 2007. Por outro lado, a riqueza extrema aumenta. A pós-modernidade atinge as sociedades de maneira global.

Outro conceito utilizado por Bauman é o de adiaforização, ou seja, de exclusão do domínio da avaliação moral. Segundo ele:

A variedade líquida moderna da adiaforização tem como modelo o padrão da relação consumidor-mercadoria, e sua eficácia baseia-se no transplante desses padrões para as relações inter-humanas. (Bauman, 2014, p.)

Assim, da mesma forma como na sociedade líquida, o consumidor adquire produtos, mas não estabelece relação de lealdade com o produtor e usa os serviços enquanto eles atenderem suas necessidades, também podemos nos relacionar com nossos semelhantes. O efeito é a perda de sensibilidade, é deixar de reagir, como se os acontecimentos atingissem objetos e não pessoas. Além disso, ocorre a banalização da violência como decorrência de estímulos constantes que podem levar as pessoas a cessar de reagir.

Bauman e Donskis (2014, p. 49) salientam o papel da mídia na sociedade líquida, pois ela contribui para produzir “indivíduos insensíveis, cuja natureza e atenção sociais só são despertadas por estímulos sensacionais e destrutivos”.

Para os mesmos autores, outro ponto central da modernidade líquida é o medo. Ele assume formas diversas, que vão desde a perda do emprego, posição social e bens materiais até a ameaça tóxica e de fatores cancerígenos, e podemos acrescentar a essa considerável lista o terrorismo. Além destes, um dos medos presentes na atualidade é o da ‘desimportância’, o que pode

¹ Disponível em: alias.estadao.com.br/noticias/geral,retalhos-de-um-sonho,10000013161. Acesso em 26/01/2016.

explicar o sucesso das redes sociais e, conseqüentemente, o papel que elas desempenham na nossa vida.

Medo, exposição, indiferença, fragilidade moral e insegurança, apontados por Bauman e Donskis (2014), são aspectos importantes do novo contexto que atingem a todos e, de maneira especial, aqueles que envelhecem. Assim, eles se somam àqueles desafios trazidos pelo próprio processo de envelhecimento. Nossa sociedade e nosso momento histórico inspiram cuidados. Essa é uma necessidade premente. Precisamos cuidar do planeta, da natureza e, sobretudo, dos seres humanos. Para Boff (2012) o cuidado deve estar presente em todos os momentos e em todos os aspectos de nossa vida e “o modo-de-ser cuidado revela de maneira concreta como é o ser humano. Sem o cuidado, ele deixa de ser humano” (Boff, 2012, p.38).

Segundo Martin Heidegger, citado por Boff (2012, p. 101) “o cuidado é uma constituição ontológica sempre subjacente a tudo o que ser humano empreende, projeta e faz”, o que significa que ele não apenas define o ser humano, mas também estrutura suas ações.

Rocha (2013) nos informa que, para Heidegger, o homem não está no mundo como uma coisa entre as coisas, mas se relaciona com elas e, quando ele cuida delas, ele se ocupa. Mas o cuidado pode tomar uma nova dimensão: a *preocupação*, entendida como uma *solicitude amorosa*. Dessa forma o cuidado se torna uma forma de amor, possibilitando ao outro realizar suas possibilidades existenciais, cuidado esse que não significa controle (Rocha, 2013, p.3).

Quando a fábula-mito do Cuidado, de Higino, nos diz: “o Cuidado foi quem primeiro moldou o ser humano”, a mensagem é muito clara e está em desacordo com os valores da sociedade líquida e consumista. Percebemos, enfim, o quanto nos afastamos daquilo que é fundamental para vivermos melhor: perceber e respeitar o outro.

Tanto a reflexão ontológica de Heidegger quanto a fábula-mito de Higino, assim como a interpretação do modo-de-ser essencial do cuidado, como expostos por Boff (2012), são subsídios valiosos para todos e, de maneira especial, para o trabalho, tanto no magistério quanto no atendimento aos velhos.

Numa instituição asilar encontramos idosos com diferentes graus de autonomia e que necessitam de cuidado. Sobre a forma que eles encontraram para viver e conviver nessa nova realidade, alguns aspectos chamaram nossa atenção. Enquanto vários deles preferem passear pela instituição, dormir nas poltronas, ou ficar com o olhar parado em frente à televisão, outros buscam atividades, participam ativamente delas e até mesmo exercem funções, por exemplo, na sala de refeições. Eles não apenas cuidam de si mesmos, mas também de seus companheiros. Indagados sobre suas atividades, falam delas com orgulho, apesar de, num caso específico, terem ultrapassado os 90 anos. O que se pode notar é um profundo respeito e valorização da vida, como também um apurado senso crítico.

Num outro contexto, encontramos os idosos que resolveram cursar uma universidade aberta. Eles buscaram não apenas o acesso à informação, mas, sobretudo, um espaço de troca e de formação de vínculos. Uma das alunas se referia a essa atividade como sua “terapia”, outras criaram coragem para publicar suas poesias e até mesmo para serem manequins num desfile de moda. Ampliaram suas experiências conhecendo museus, exposições e peças teatrais, mas mantiveram o conservadorismo quanto às carteiras, impedindo que outro aluno se sentasse nelas.

Nesses exemplos, percebemos que os idosos, ao permanecerem ativos, cuidaram não apenas de si, mas, ampliando sua rede de comunicações, passaram a cuidar dos outros, o que, em alguns casos, deu um novo significado às suas ações. Parece que dessa forma o envelhecimento possibilitou uma nova visão da vida, sobretudo de sua importância.

E, para aqueles que trabalham com velhos, o cuidado é mais que essencial. Ele demanda conhecimento e sensibilidade e deve ser encarado como uma responsabilidade social, exigindo políticas públicas adequadas.

Para encerrar, queremos deixar aqui uma homenagem a Oliver Sacks, neurologista que durante várias décadas atendeu seus pacientes em clínicas e hospitais e, até mesmo, visitando-os em suas casas, buscando acima de tudo compreender seus problemas e escrevendo sobre eles com o mais profundo respeito. Como ele próprio relatou em suas memórias, boa parte de sua atividade se voltou para a escrita de minuciosas notas clínicas que ampliaram o conhecimento sobre o ser humano. E tudo isso foi feito com muito carinho, enfim, com muito cuidado. Encontramos nele a *solicitude amorosa* apontada por Heidegger. Consideramos oportuno citar suas palavras no final de sua autobiografia:

De todo modo, sou um narrador, um contador de histórias. Desconfio que o gosto pela narrativa é uma disposição humana universal, que acompanha as nossas capacidades de linguagem, de consciência de si e de memória autobiográfica. (Sacks, 2015, p.329)

Desenvolver a linguagem, tornar possível a consciência de si e lidar com as memórias são alguns dos elementos importantes a serem trabalhados com nossos velhos. São também desafios para aqueles que atuam nesse campo. Assim, mais verdadeiras e necessárias se tornam as palavras de Boff, sobretudo no momento histórico que vivemos.

É urgente um novo *ethos* de cuidado, de sinergia, de religação, de benevolência, de paz perene para com a Terra, para com a vida, para com a sociedade e para com o destino das pessoas, especialmente das grandes maiorias empobrecidas e condenadas da Terra. (Boff, 2012, p. 45)

Referências

BAUMAN, Z. *A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BAUMAN, Z.; DONSKIS, L. - *Cegueira moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BOFF, L. *Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra*. Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

MESSY, J. *A pessoa idosa não existe: uma abordagem psicanalítica da velhice*. Editora Aleph, São Paulo: 1999.

MORIN, E. *O cinema ou o homem imaginário: ensaio de antropologia sociológica*. São Paulo: É Realizações, 2014

ROCHA, Z. Para uma clínica psicanalítica do cuidado. *Tempo psicanalítico*. vol.45 nº. 2. Rio de Janeiro, dez.2013.

SACKS, O. *Sempre em movimento: Uma vida*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

Data de recebimento: 02/03/2016; Data de aceite: 28/04/2016.

Maria Augusta Lós Reis - Graduada em Ciências Sociais e Pedagogia. Especialização em Psicopedagogia. Atuação no magistério e em atendimento psicopedagógico. E-mail: augustalos@uol.com.br